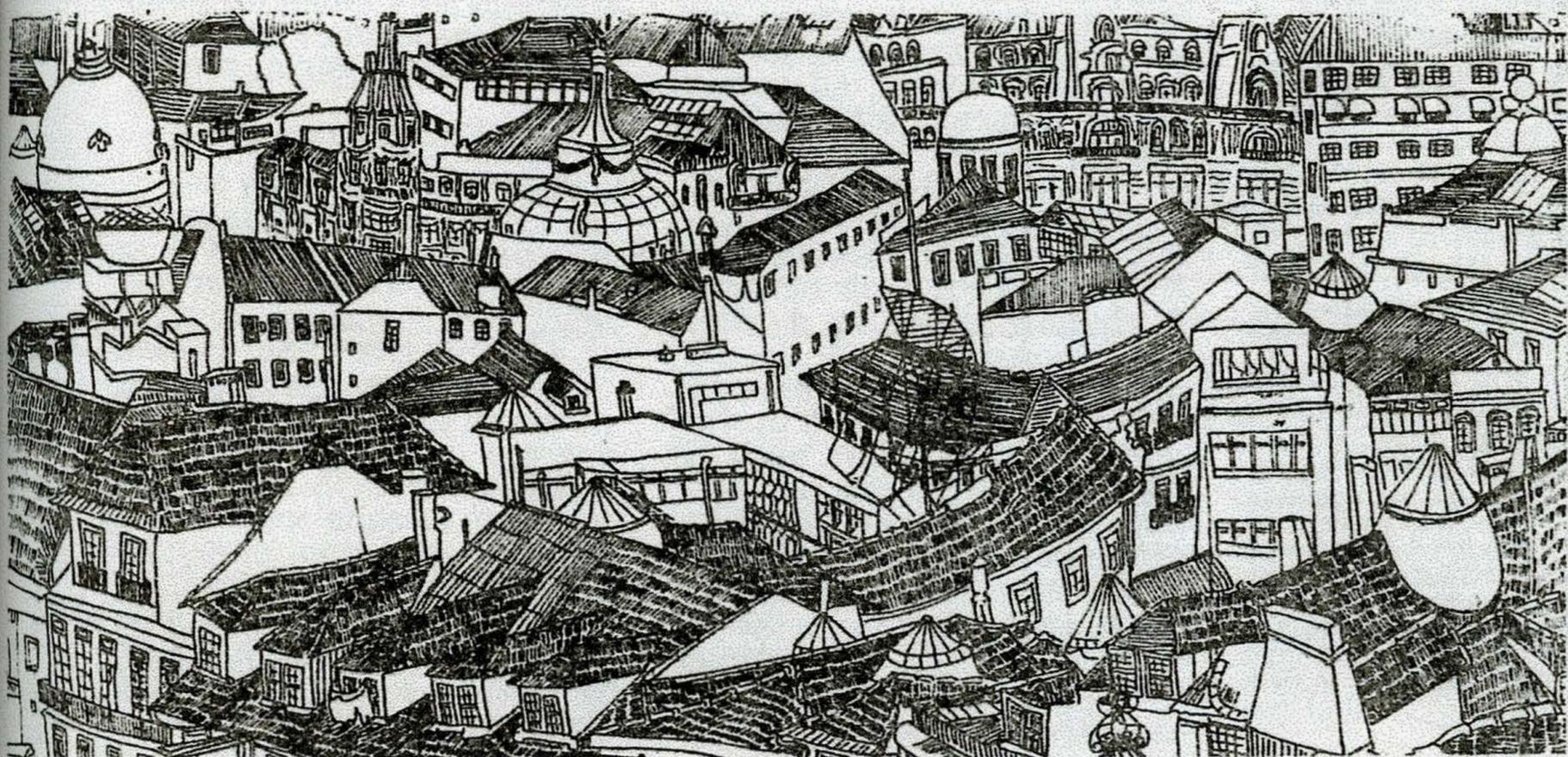


# Em busca da identidade de Portugal

Janeiro 1988



Adelto Gonçalves

José Cardoso Pires, nascido em Peso, Castelo Branco, em 1925, é, ao lado de José Saramago, um dos maiores escritores do Portugal contemporâneo. E Alexandra Alpha, seu último romance (lançado em novembro pela Publicações Dom Quixote, Lisboa), constitui até agora o seu testemunho mais maduro e representativo. Atração maior da última Exposição - Feira do Livro Português, realizada em dezembro no Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo, e que contou com a presença do autor, a obra significa, no texto de Cardoso Pires, a conclusão de uma viragem que começará há quase 6 anos com a publicação de *Balada da Praia dos Cães*.

Isso, porém, está longe de significar que, antes desses dois últimos trabalhos, o escritor não tenha deixado a sua marca na literatura lusa deste século. Pelo contrário. Desde a estréia em 1949 com *Os Caminheiros e Outros Contos*, a sua carreira se fez sempre de maneira ascensional. Tanto que, 3 anos depois, com outro livro de contos, *Histórias de Amor*, alcançou a notoriedade. É verdade que de uma forma inesperada: teve o livro retirado à força do mercado pela censura salazarista. No entanto, a notoriedade se justificou em 1958

com o surgimento de seu primeiro romance, *O Anjo Acorado*. E se firmou definitivamente quando ele se enveredou também pela área do ensaio com os livros *Cartilha do Marialva* (1960) e *E Agora, José?* (1977). Como ficcionista, contudo, voltaria à presença do público com *O Hóspede de Job*, em 1963, e *O Delfim*, livro de 1968 que, no Brasil, saíria em 1983, pouco antes de *Balada da Praia dos Cães*, ambos pela Civilização Brasileira.

## II

Se em termos formais a literatura de Cardoso Pires está em permanente mutação, a ponto de se rivalizar em inventividade com grandes mestres como Ítalo Calvino, Jorge Luís Borges, Gabriel García Márquez e Mário Vargas Llosa, a sua temática mantém-se invariável, como se escrevesse apenas para resolver um velho enigma que o persegue - o que é o seu país? De fato, há trinta anos, em *O Anjo Acorado*, o personagem João dizia que, quando num país não dá para se agir, as pessoas, que remédio!, contentam-se em pensar. Em outras palavras: tratam de reinventá-lo, criam um país imaginário.

Pois bem. Em *Alexandra Alpha*, a personagem que dá título ao romance pergunta-se à página 157: "O quê, inventar um país? Que remé-

dio. Se a gente não o inventar não cabe nele." Ainda nessa mesma página, em nota de rodapé, o autor dá outra pista, ao apresentar uma variante da angústia de sua heroína: "Quem inventa o país inventa-se a si próprio."

Como o próprio Cardoso Pires revelou numa entrevista em Lisboa, publicada no Estado de S. Paulo a 27 de novembro, pouco antes de sua recente viagem ao Brasil, essa é a frase-chave do livro. Mas, na verdade, pode-se ir mais longe: essa é a frase-chave de toda a sua obra - uma incessante viagem em busca da identidade de Portugal. Afinal, como em *O Anjo Acorado*, é esse mesmo motivo condutor que se vai encontrar em *Balada da Praia dos Cães*, romance que conta a história de dissidentes políticos que se inventam como guerrilheiros para libertarem um país inventado, que não existe a não ser em sua própria imaginação, enquanto o país real pouco se importava com os seus ideais e objetivos.

Se no livro anterior Cardoso Pires faz um fascinante estudo sobre o medo nos últimos anos da ditadura de Salazar - isolado, o chefe dos guerrilheiros simula encontros clandestinos com altas personalidades políticas e forja conspirações só para

manter elevado o estado de espírito do grupo —, agora em **Alexandra Alpha**, além de traçar um perfil do imobilismo social sob o regime totalitário, reelabora a crônica dos acontecimentos pré e pós-25 de abril de 1974. É mais importante: tudo sob a ótica das pessoas comuns que, como se sabe, nada têm do otimismo profissional dos políticos e daqueles que se beneficiam do poder — os contentinhos, na expressão lisboeta tão ao gosto de Cardoso Pires.

### III

Até em seu espaço gráfico, **Alexandra Alpha** parece seguir o referencial histórico, enquanto deixa evidente o intento do autor em jogar com as modernas técnicas da narração. As páginas de abertura, que contam a morte de um homem-pássaro em seu vôo de asa delta num Rio de Janeiro dos anos 60 (um anacronismo, como se vê, pois, por esse tempo, a moda dos planadores ainda não havia chegado por aqui), formam quase um texto à parte, que pode ser lido separadamente sem qualquer prejuízo, tal como saiu na edição na edição nº 280 (de 16 a 22 de novembro de 1987) do *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, de Lisboa.

Assim, o livro se divide em duas partes. A primeira (*A Cor da Pérola*) é demasiadamente extensa, às vezes monótona, como se o autor quisesse refletir até a exaustão a aversão ao progresso da ditadura decrépita. Neste longo texto, não existe linearidade nem uma história a se desenvolver, apenas registros de acontecimentos, sem grande preocupação com o entendimento do leitor. Na realidade, o virtuosismo da prosa de Cardoso Pires é aqui a própria festa, a grande atração.

Por tudo isso, **Alexandra Alpha** não é um romance de fácil leitura, nem tarefa amena para marinheiros de primeira viagem. Nada vem pronto. É preciso ler e reler. É muito refletir. Afinal, como o próprio escritor disse, num breve texto de apresentação da nova obra para o *Jornal de Letras* (ed. cit.) “de certa maneira cada livro também é escrito por cada leitor e, muitas vezes, a cada leitura que se faz dele.”

De qualquer modo, vale a pena resistir ao cartapácio em que pouco acontece (a levar-se em conta os esquemas novelísticos do século XIX, pré-Joyce). Porque à medida em que se aproxima

dos lances que marcam a vertigem do 25 de abril, o romance adquire tons envolventes, como se quisesse induzir a participar daqueles dias em que o sonho de transformar o

país sonhado e inventado poderia estar ali adiante, numa esquina do Chiado ou nas mesas dos cafés do Rossio. É a história destes tempos que faz desta a melhor parte do livro. São 736 dias e noites de um sonho, um carnaval, como se, de repente, o sebastianismo há séculos impregnado na alma portuguesa pudesse deixar de ser apenas um mito. Um mito que representa a esperança de um mundo justo. É assim até que o regime dos capitães de abril sofre a primeira guinada à direita. E os revolucionários e aqueles que acreditavam no futuro ficam a falar sozinhos. E tudo volta ao normal, ao que era antes. “Tudo como se, 2 anos depois de uma paralisação repentina, o mundo recomeçasse o movimento no ponto onde tinha sido interrompido.”

### IV

Na estrutura de **Alexandra Alpha** há, pois, uma visão de humanidade e civilização que já foi exposta por Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*: a de que o homem, depois de milhares de anos, a única coisa que conseguiu é repetir-se indefinidamente. Pois é exatamente isso o que se lê na epígrafe para a segunda e última parte do livro (*Ascensão e Morte*): “Círculos... repetimo-nos em círculo fechado, passamos a vida a repetir pessoas a repetir situações.

Depois, quando o círculo rebenta, subimos na vertical.” Segundo Lévi-Strauss, todo progresso se apóia “na violência e na exploração do homem pelo homem”. Por isso, tudo está condenado a começar de novo.

É esse pessimismo racional que José Cardoso Pires parece querer colocar a cada frase e que se torna mais intenso ainda quando fala pela voz do poeta Ruy Belo, seu alter-ego. É por meio desse personagem que ele consegue dar vazão a uma atitude já pública de condenação à atuação da igreja católica em Portugal. Uma instituição que, sustentáculo do obscurantismo salazarista, usufrui hoje do regime democrático para consolidar um poder econômico monopolizador cada vez maior, que se estende desde o ensino superior até à imprensa regional e chega agora à obtenção de um canal de televisão.

“Os padres só quando deixam de ser padres é que descobrem chamas na terra”, observa o poeta Ruy Belo à página 429. Pois é com um ex-padre que destino sela a sorte de **Alexandra Alpha**, a “madrasta solteira” que cria o filho de seu amante brasileiro, o voador de asa-delta morto estatelado na Praia do Arpoador, num começo de tarde de verão.

O Padre Miguel, de andar coxo — lembrança da participação na guerra colonial em Angola —, agora transformado em bombeiro, é um aviador que andava na contra-sabotagem dos incêndios nas florestas provocados por agitadores de direita. É com ele que ela sai para um vôo sem retorno, vítima involuntária da vingança dos inimigos políticos do Padre Miguel. Assim, o romance de Cardoso Pires completa uma circularidade que se assemelha à de *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez: o princípio e o final do livro se unem. A **Alexandra** termina tão tragicamente como o seu amante.